

**LENDAS E SUPERSTIÇÕES EM “BRASIL AÇUCAREIRO”: O  
FOLCLORE CANAVIEIRO E DO ENGENHO NOS ESCRITOS DE  
ADEMAR VIDAL ENTRE 1943 A 1944**

*Maria Joedna Rodrigues Marques*<sup>229</sup>  
(UFCG)  
[joednnarodrigue@gmail.com](mailto:joednnarodrigue@gmail.com)

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo analisar os textos de Ademar Vidal publicados na Revista “*Brasil Açucareiro*” entre 1943 a 1944, referentes às lendas e superstições pertencentes ao folclore canavieiro e do engenho paraibano. A problematização pauta-se em compreender os elementos elencados, as simbologias, os sujeitos e objetos referenciados, para assim, entendermos como estes são compositores dessas narrativas culturais. Para isto, utilizamos nove narrativas folclóricas publicadas nessa temporalidade, as mesmas foram localizadas no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira (Biblioteca Nacional Digital). Desta forma, utilizamos como aporte teórico-metodológico as discussões acerca do uso de periódicos como *fonte histórica* com Tânia Regina de Luca (2006); o *folclore* a partir de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013) e os conceitos de *lendas e superstições* com Luís da Câmara Cascudo (1999).

**Palavras-chave:** folclore; periódico; Ademar Vidal;

Este trabalho faz parte de uma pesquisa monográfica em desenvolvimento, acerca da “identidade cultural paraibana” na obra do folclorista Ademar Vidal entre 1941 a 1950 (temporalidade provisória). Assim, para compreendermos como a sua produção folclórica/cultural permite a elaboração de uma paraibanidade, investigamos a partir de sua obra e dos ciclos intelectuais dos quais participou, a dimensão discursiva, as propostas identitárias através dos estudos folclóricos e os elementos/simbologias elencados enquanto singularidade para a elaboração dessa identidade.

Desta forma, utilizamos nove publicações, de 1943 a 1949, na revista “*Brasil Açucareiro*”, pautadas nas lendas e superstições referentes ao folclore canavieiro e do engenho paraibano, para problematizarmos os aspectos compositores dessas narrativas,

---

<sup>229</sup>Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Cultura – (GEPHC/CNPq/UFCG).

assim como, eles são compreendidos e apresentados. Os textos estão disponíveis no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira (Biblioteca Nacional Digital).

Também é do nosso interesse entendermos o uso de periódicos enquanto *fonte histórica*, já que, percebemos a utilização desse meio comunicativo, como divulgador de ideias, discursos e das pesquisas de âmbito cultural, folclórico e social, principalmente, no contexto do século XX, sendo assim, um elemento de destaque no cenário intelectual.

O periódico é carregado de possibilidades para a produção historiográfica, visto a diversidade temática e as abordagens culturais, além de outras dimensões categóricas e temáticas, tornando-se frutífero aos questionamentos postulados na pesquisa histórica. Ainda como aponta Tânia Regina de Luca no texto “*História dos, nos e por meio dos periódicos*” (2006): “As várias tarefas desempenhadas por esses intelectuais subordinavam-se, não raro, às demandas políticas das facções oligárquicas proprietárias dos jornais e que igualmente detinham as chaves que controlavam o acesso ao cenário da política.” (LUCA, 2006, p.124). Esses intelectuais são responsáveis por divulgar em periódicos os cenários políticos, ao mesmo tempo, que a produção e temática vincula-se a uma perspectiva ou abordagem cultural, mantém relações seja nas linhas ou entrelinhas com a dimensão política que direciona ideologicamente esses periódicos criados a partir das instituições ligadas ao Estado.

A autora contextualiza e historiciza tanto o uso do periódico como fonte histórica, como abordagens básicas para lidar com esse tipo de fonte e possibilidades temáticas e metodológicas. Alude aos trabalhos realizados, a partir da década de 1970, com periódicos e como essa dimensão intelectual permitiu contribuições ao campo historiográfico, ressaltando a forma de se entender a fonte histórica e a própria História.

Ainda, segundo Jacques Le Goff “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder.” (LE GOFF, 1990, p.545), isto, nos conduz a refletir sobre a elaboração, a proposta e o poder presente nas produções humanas, independente da forma ou formato do *documento*, este é fruto de seleções, visões de mundo, discursos, grupos sociais, diferenças e semelhas. Por tanto, o periódico se mostra como um difusor de seu grupo, seja dos escritores, editores e investidores.

## **Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG**

A revista “*Brasil Açucareiro*” (1934-1990?) atuou como órgão oficial do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA)<sup>230</sup>, este foi criado através de um decreto em 1º de junho de 1933, “com o objetivo de orientar, fomentar e controlar a produção de açúcar e álcool e de suas matérias-primas em todo o território nacional.” (CPDOC, 2018), tendo atuação interrompida na década de 1990. A proposta do periódico era divulgar o cenário açucareiro, canavieiro e usineiro, com a exposição da produção alcançada, as novas ações adotadas para administração, investimento e intervenção nesses setores, por parte do Estado.

Na página da Hemeroteca Digital<sup>231</sup> a revista é apresentada como um periódico quinzenal, dirigida pela “Comissão de Defesa da produção de Açúcar (RJ)”, estão disponíveis edições de 1932 a 1979. Percebemos que consta outro nome “Economia e Agricultura”, passando a ser “Brasil açucareiro” a partir de outubro de 1934, não sabemos ao certo quando parou de circular. Visto ainda que, na Hemeroteca só constam números da revista até 1979, a ausência de outras edições e a lacuna em pesquisas que utilizam a revista como fonte contribuem para falta de informação. O Instituto responsável pelo periódico foi extinto na década de 1990, por isso atribuímos à esta década o fim de sua circulação. Ainda, encontramos o artigo “*A evolução da oferta de máquinas e equipamentos para o setor sucroalcooleiro do Brasil*” (2008), autoria de Carlos Eduardo de Freitas Vian e *et.al*, que utiliza a revista para analisar os anúncios, no mesmo a uma referência da revista de 1988, evidenciando que a revista foi extinta posteriormente à década de 1970.

Desta forma, percebemos que as informações acerca do periódico são, ao mesmo tempo, variadas e escassas. Apesar da dificuldade em traçar uma trajetória do periódico, percebemos a sua circulação durante o governo de Getúlio Vargas, continuando após a instalação da Ditadura militar, compreendemos essa continuidade pela própria proposta do órgão, já que estava vinculado a um instituto estatal.

Ainda, segundo Jean François Sirinelli:

As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão - pelas amizades que as subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem - e de exclusão- pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das

<sup>230</sup> Ver CPDOC. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-do-acucar-e-do-alcool-iaa>>.

<sup>231</sup> Ver em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/brasil-acucareiro/002534>

## **Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG**

ideias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão. (SIRINELLI, 2003, p.249)

Também estamos nos referindo a um veículo de sociabilidade, um meio de encontro, debates e embates. Como podemos perceber na edição da revista de dezembro de 1949, na qual, apresenta-se no início da sessão “Política açucareira”, uma resposta acerca da representatividade e interferências nas escolhas dos representantes dos produtores na direção do IAA, estruturada a partir de uma Comissão executiva formada por 5 membros do governo e 8 dos produtores:

Não há, pois, exagero [sic] em dizer que o Instituto é dirigido pelos produtores, uma vez que representam a maioria dos membros que integram o seu Conselho diretor. Que se alega, em oposição a essa tese? Nada de positivo. Argüe-se [sic] apenas que a presidência da autarquia organiza como quer a representação das classes. Não há nenhuma prova nesse sentido, nenhuma acusação séria e fundada. Apenas palavras e palavras. (BRASIL AÇUCAREIRO, 1943, p.3)

Como bem sabemos as palavras não são “apenas palavras”, elas exprimem relações de força, poder e possuem sentidos que estão além dos expostos pelas mesmas, são reprodutoras e ao mesmo tempo assumem os discursos, ou seja, os questionamentos sobre a direção de uma instituição diretamente ligada ao governo, com altos cargos representativos, que despertaram o interesse e motivaram disputas de poder. Ao longo dessa primeira parte, há colocações que explicam como eram escolhidos os representantes, as justificativas que corroboravam a existência dessa Comissão e de sua estrutura.

Ainda, nesta edição foram realizadas explicações sobre a produção e custo canavieiro e seus derivados, além de um rebatimento a uma imprensa paulista que realizara críticas ao IAA, a defesa do mesmo parte de depoimentos de setores vinculados ao instituto, dirigindo-se também ao presidente vigente, Getúlio Vargas. Após, esses momentos de defesas, é exposta uma página com a legislação em vigor decretada em novembro de 1943, assegurando o poder do IAA sobre a comercialização do álcool produzido no país.

Assim, pela natureza da revista encontramos informações referentes à economia, produção brasileira e até do cenário internacional, mas também produções ligadas a esses espaços canavieiros e dos engenhos, de âmbito cultural, social e folclórico, por isso, apresentava categorias como “Diversos”, “Folklore”, “História”,

entre outras; contou com diversos colaboradores, como Joaquim Ribeiro, Sodré Viana e o paraibano Ademar Vidal<sup>232</sup> que publicou entre, 1943 a 1945, 21 textos divididos entre o folclore canavieiro, do engenho paraibano e da História do açúcar na Paraíba.

Antes de abordarmos a produção vidaliana no periódico, devemos pensar um pouco sobre o autor e parte de sua obra: o paraibano erradicado no Rio de Janeiro, a partir de 1944, herdou da família paterna a relação com a imprensa. Teve uma carreira jurídica ativa, exerceu o cargo de Procurador da República, manteve-se nos ciclos intelectuais atuantes, principalmente até a metade do século XX, que influenciou a sua escrita ao âmbito cultural. Chegou a fundar na Paraíba a Sociedade Paraibana de Folclore que existiu entre 1941 a 1943, além de ter sido membro da Sociedade Brasileira de Folclore<sup>233</sup> (1941-1963) presidida por Luís da Câmara Cascudo, também atuou como presidente do Instituto Histórico Geográfico Paraibano<sup>234</sup>.

Esses percursos elencados foram selecionados por demonstrarem as interações sociais, as elaborações de si enquanto estudioso cultural, além das agitações que possibilitaram a singularidade de sua produção. Afinal, as trajetórias tomadas permitiram novos contextos de vivências e reinvenções do escritor e do sujeito no seu meio social. Assim, essas experiências delinearão a necessidade de embarca nas tendências da sua época, a elaboração de identidades nacionais, perpassando pelas locais. Por isso, a pesquisa que se desenvolve acerca de sua produção folclórica debruça-se sobre os elementos identitários.

A produção do historiador Durval Muniz Albuquerque Júnior possibilita compreender a difusão e elaboração de discursos enraizados sobre a região Nordeste, este aponta como o discurso folclórico foi utilizado para confirmar e produzir discursos que perpetuam uma imagem à esta região. A partir da obra “A Feira dos Mitos” (2013), percebe-se como o Nordeste foi e é um espaço marcado por discursos construídos diversas vezes pelos folcloristas, nos permite visualizar grupos de sujeitos que estão significando, representando e justificando este espaço através da sua atuação.

---

<sup>232</sup>Ver: RAMOS, Adauto. *Ademar Vidal: sùmula bio-bibliogràfica*. João Pessoa, 1999. MELLO, José Octàvio de Arruda. *Ademar Vidal – Diversidade, Erudição e “Entusiasmo” nos seus inèditos*. João Pessoa, 2001. VIDAL, Alice. *Ademar Vidal: para não esquecer*. Personal, 2010. ROSA, Maria Nilza Barbosa. *Usos, costumes e encantamentos: a cultura popular na obra de Ademar Vidal*. Tese (Doutorado em Letras)- àrea de concentraçãõ em Literatura Brasileira, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

<sup>233</sup>Ver: BARROS, Ewerton Wirley Silva. *Nos enredos do folclore: Luís da Câmara Cascudo no movimento folclórico brasileiro (1939-1963)*. 2018. 102f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Licenciatura em História, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2018.

<sup>234</sup>INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO PARAIBANO. *O que é o IHGP?* João Pessoa. Disponível em: <http://www.ihgp.net/oqueoihgp.htm>. Acesso em: 21 maio. 2018.

Albuquerque Júnior apresenta que o Folclore não possui uma conceituação específica, defendida e perpassada, os letrados caracterizam o uso do termo como “estudo” (Albuquerque Jr., p.83) sobre uma cultura popular, sobre práticas, hábitos e costumes realizados por pessoas pertencentes a uma classe “subalterna” dos mesmos que realizam tais estudos. Em sua maioria o folclorista, é o letrado, provém de uma classe elitista e acredita que tais “elaborações culturais” estão prestes a desaparecer, por isso a necessidade de resguardar essas elaborações. Ainda, por esses grupos populares apresentarem práticas culturais que segundo esse grupo elitista classificavam e definiam especificidades e singularidades de um espaço, esses grupos estudados eram vistos como guardiões de uma cultura originária.

Ao mesmo tempo, os estudos folclóricos permitiram e possibilitaram marcar discursos sobre o regional e o nacional, principalmente sobre o Nordeste que segundo Albuquerque Júnior:

[...] através de suas pesquisas, de seus escritos, de suas ações institucionais e de suas práticas, foram definindo e instituindo o que deveria ser visto e dito como sendo a cultural desta região, aquilo que seria típico, particular, singular, autêntico deste espaço e que manifestaria, portanto, sua própria essência, sua própria identidade. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, p. 21, 2013).

Perceber Ademar Vidal enquanto um folclorista é tentar analisar sua obra segundo os preceitos que estabeleceram os estudos folclóricos, percebê-lo como um construtor de um discurso marcado e fundamentado por outros intelectuais que definiram uma identidade a partir dos estudos culturais. Desta forma, o Folclore apresentou-se como um saber institucionalizado, uma ferramenta que definiu espaços e discursos.

Como já foi abordado, o periódico possui diversas redes de elaborações, capazes de demonstrar atuações, discursos e poder. Embarcamos nos textos publicados na revista “Brasil Açucareiro” com o intuito de identificarmos os elementos construtores dessas narrativas folclóricas. Em uma curta temporalidade<sup>235</sup>, 1943 a 1944, Ademar Vidal publicou nove textos: “*O rato vermelho*” (12/1943), “*A caldeira que geme*”(01 /1944), “*Os passeios do vulto branco*” (02/ 1944), “*A serpente do canavial*” (03/ 1944), “*Para onde vai a fumaça*” (04 /1944), “*No que deu a mentira*” (05 /1944), “*A noite no*

---

<sup>235</sup>A produção folclórica continuou em 1945, em decorrência da quantidade optamos por selecionar esse primeiro conjunto de textos de 1943 a 1944. Ainda, a partir de setembro de 1944 a maio de 1945, os textos passaram a ser sobre a História do Açúcar na Paraíba, localizamos nove edições.

*engenho*” (06 / 1944), “*Como será a alma?*” (07/ 1944), “*O carro encantado*” (08 /1944).

Para compreendermos como cada narrativa é composta e seus elementos característicos, optamos em descrever cada texto e analisá-lo. Ainda, partimos dos significados de lenda e superstições a partir do livro “*Dicionário do folclore brasileiro*” (1999) escrito por Luís da Câmara Cascudo. Segundo este, a *lenda* refere-se à:

Episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, “legere”, possui características de fixação geográfica e pequena deformação. Liga-se a um local, como processo etiológico de informação, ou à vida de um herói, sendo parte e não todo biográfico ou temático. [...] Os processos de transmissão, circulação, convergência, são os mesmos que presidem a dinâmica da literatura oral. É independente da psicologia coletiva ambiental, acompanhando, numa fórmula de adaptação, seus movimentos ascensionais, estáticos ou modificados... (CASCUDO, 1999, p. 511)

Enquanto as superstições:

Resultam essencialmente do vestígio de cultos desaparecidos ou da deturpação ou acomodação psicológica de elementos religiosos contemporâneos, condicionados à mentalidade popular. São milhões de gestos, reservas e atos instintivos, subordinados à mecânica do hábito, como gestos reflexos. As superstições participam da própria essência intelectual humana e não há momento na história do mundo sem sua inevitável presença. [...] A superstição é sempre de caráter defensivo, respeitada para evitar mal maior ou distanciar sua efetivação. Os sinais exteriores são os amuletos que, incontáveis, transformaram-se em adornos e jóias e vivem na elegância universal dos nossos dias. Essa legítima defesa estende-se às zonas íntimas do raciocínio humano e age independente de sua ação e rumo... (CASCUDO, 1999, p. 837)

Assim, a lenda é elaborada dentro de um contexto histórico localizável, repassado por meio da oralidade marcando um grupo de indivíduos, podendo sofrer alterações em decorrência da natureza de transmissão, podendo ligar-se a uma ideia heroica. Assim, revela em seu enredo características sobre aqueles que alimentam essas histórias, seja pela composição do cenário e personagens ou pelo desenrolar da mesma.

Já as superstições pautam-se na tentativa de defesa, podendo possuir uma relação com um ensinamento, uma moral, tornando-se um meio de evitar certas ações. Vincula-se a uma ideia de proteção, tendo ligação com a mentalidade humana, ou seja, presa-se pela sobrevivência, acompanhando o homem ao longo de sua existência, portanto sua localização não é específica, podendo naturalizar essas ações e crenças.

A primeira narrativa “O rato vermelho” foi publicada em dezembro de 1943, trata-se de uma *lenda* sobre um rato vermelho de canavial conhecido como “Punaré”,

## **Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG**

que possui carnes venenosas tóxicas aos humanos, exemplifica com o caso da família Gororoba, desgraçada por se alimentar do mesmo; durante as noites se torna um monstro, os meninos têm medo e não fazem maldades com o rato; só ataca os cortadores de cana se antecipar a colheita do canavial:

Só na hipótese desta ser colhida antes da safra é que o roedor procura reagir com as suas forças disponíveis. E reage forte: pega-os de varias maneiras. Vem uma diarreia infundável, dores no buxo que não terminam, e, sobretudo, uma confusão na cabeça que só passa fumando muito, nada comendo.[...] Por estes motivos justos, eis porque se verifica a existência de uma profunda consideração pelo roedor, havendo necessidade que ele viva descansando entre suas canas... (VIDAL, 1943, p.40)

Percebemos alguns elementos estruturais da lenda: o rato personagem central, é vermelho tornando-o diferente de outros roedores, vive no canavial o cenário principal da lenda e só ataca seus perseguidores ou reage contra os que alteram o ciclo da colheita. Podemos perceber sua localização e também associamos as vivências em torno do canavial. Nos trechos “uma profunda consideração” (VIDAL, 1943, p.40) e “Não é bicho sagrado não, porém é um prestigioso criador de superstições.” (VIDAL, 1943, p.40), conseguimos perceber uma interação criada, assim, nos deparamos com aspectos que caracterizam uma lenda e também traços de superstições. A narrativa aponta a existência de um ciclo natural da safra que deve ser respeitado, caso contrário há severas consequências executadas pelo rato vermelho.

A segunda narrativa “*A caldeira que geme*” datada de janeiro de 1944, apresenta o cotidiano do trabalho no engenho, as cantorias dos Negros, o trabalho braçal; “o ambiente mostra-se muito agradável” (VIDAL, 1944, p.12) até o momento do gemer da caldeira “A sentença foi proferida e dela ninguém escapará” (VIDAL, 1944, p.12), segundo a crença era o prenúncio da morte do proprietário do engenho, o mesmo tenta demonstrar uma descrença, mas pouco tempo depois a morte chega à casa-grande. Este enredo direciona-se à vertente da superstição, a caldeira tem um papel central sendo o anunciador do presságio trágico, enquanto os trabalhadores ficam assustados o dono desfaça, mas ciente de que não costuma haver enganos nos avisos. Neste caso não havia como se evitar os acontecimentos, diferente da primeira narrativa que podia-se evitar os danos do rato vermelho, nesta narrativa a principal função é alertar a tragédia que está predestinada.

Em fevereiro de 1944 foi publicado o terceiro texto “*Os passeios do vulto branco*”, inicia-se apresentando o hábito de contação de história e como nessas

partilham as superstições que passadas entre gerações. Percebemos as interações entre lendas e superstições devido a própria facilidade em transmitir tais crenças, sendo acrescentadas nas narrativas folclóricas:

Na vida dos engenhos bem que se sabe de uma porção da historias com seus motivos procedentes. Vive-se num meio de fantasias e superstições que vem dos antepassados. Não é negocio feito agora. Vem atravessando gerações sem se perder. O fato é que para justificar qualquer coisa há uma historia a se contar como verdadeira. (VIDAL,1944, p. 15)

A lenda refere-se à região da Várzea, onde era comum haver muitos escravos, a narrativa tem como localização o engenho Santo André, especificamente sobre o senhor de engenho que castigava de forma severa e violenta. Após a sua morte a sua alma passou a habitar o canavial, segundo a crença das pessoas da região, a alma ficou presa para pagar por seus atos em vida. A partir dessa historia há um aprendizado e uma justificativa, a necessidade de ter boas para que a alma não passe pelos tormentos da dívida adquirida, assim, sua libertação ou castigo relaciona-se as ações.

A quarta narrativa datada de março de 1944, “*A serpente do canavial*” refere-se a uma lenda de uma serpente verde que protege o canavial de estranhos, o “animal fantasma” (VIDAL, 1944, p.26) defende até mesmo do excesso de água, de outros animais arrastadas pelas enxurradas e das pragas que se instalam. Este animal é retratado como monstro em sua aparência: “Na escuridão a serpente se confunde com o canavial. E dizem que ela tem inúmeros olhos. Possui pernas em quantidade, é coisa também que toda gente sabe.” (VIDAL, 1944, p. 26), percebemos uma necessidade em disseminar o medo para evitar a invasão nos canaviais estrangeiros, principalmente a noite.

A quinta publicação foi abril de 1944 “*Para onde vai a fumaça*” trata-se acerca da fumaça expelida no engenho, na Várzea paraibana, possuindo duas interpretações: a primeira advinda da casa-grande “[...] quando o bueiro vomita escuro, havendo moça na família do amo, e que esteja em ponto de casamento, arrisca-se a ficar solteira, titia velha para tomar conta dos sobrinhos ou filhos adotivos; [...]” (VIDAL, 1944, p.30), a segunda, comum entre o povo é que o brilho da estrela mais pálida da constelação do cruzeiro do sul está diretamente relacionado com o tom da fumaça dos engenhos, já que a fumaça escura não permite à estrela mostrar seu brilho. O desafio enfrentado pelo engenho é ausência de madeira adequada para que a fumaça seja “limpa” e branca, já que há uma escassez na Várzea paraibana dessa madeira apropriada, sendo necessário

## **Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG**

trazer de outras regiões. Como demonstrado são duas formas de compreender um mesmo evento, cada grupo cria ou atribui significados que condizem com suas crenças, estas aos poucos tornam-se superstições.

O sexto texto “*No que deu a mentira*” foi publicado em maio de 1944 tem como proposta explicar como surge o negro, a lenda foi repassada por Mestre Alípio vaqueiro administrador do Engenho Itaiupú. A mesma refere-se a uma visita de Jesus à uma camponesa que tinha muitos filhos, por vergonha escondeu alguns em quarto, ao ser perguntada sobre o que havia ela afirmou que seria um depósito de carvão: “Sendo carvão nada mudará a cor” (VIDAL,1944, p.28), após ver os filhos negros, a mulher ficou desesperada, um dos apóstolos recomendou que levasse os filhos ao rio Jordão, ao chegar quase não havia água, molhando apenas as palmas das mãos e o solado dos pés. Através dessa narrativa, percebemos a necessidade de explicar a existência do negro, sendo associada a uma mentira tendo uma conotação negativa.

A sétima narrativa foi publicada em junho de 1944 “*A noite no engenho*” refere-se ao Engenho Japungú, após a morte do dono foi abandonado, tornou-se um local mal assombrado. À noite voltava-se aos velhos tempos, sendo visível, principalmente, em noites de luar, “Japungú continua a viver” (VIDAL, 1944, p.37), o cotidiano ressurgia, o trabalho braçal, as músicas e os gritos do senhor. A história tem como proposta repassar as vivências do engenho, as saudades que torna o mesmo ativo apesar de estar em ruínas, pelo menos durante o dia.

O oitavo texto publicado em julho de 1944 “*Como será a alma?*” aborda sobre a compreensão sobre a alma, sendo discutida nas rodas de conversas dos senhores e dos moradores como aponta o autor:

A população da Zona da Mata é muito religiosa...[...] Tem a religião católica uma influência decisiva nesse povo de tendências boas. Vive do trabalho para o trabalho. E é muito supersticioso. ” [...] “E sobre a alma o povo faz absurdas conjecturas. Acredita (não é toda gente que assim pensa: é certamente uma minoria com raízes africanas e que gosta de “contar histórias”, pondo-se muito séria ao referir façanhas onde entram colaborações das estrelas, da lua, do sul e dos ventos: também dos animais e até da flora) que a alma não passa de uma lagarta ora verde, ora amarela e ora encarnada. [...] mas a lagarta não acertou o aminho de regresso, perdeu-se no canavial...(VIDAL,1944, p.28)

A forma de se acreditar na alma e como esta porta é relativa às vivências e as crenças religiosas que cada indivíduo ou grupo tem. Há em comum a ideia de pagar as dívidas cometidas, alguns acreditam que na terra. O autor aponta que os sujeitos de raízes

africanas defendem outra forma à alma, mantendo ligação com a natureza, fazendo parte da mesma, porém os que defendem essas vertentes são entendidos como incrédulos, pela influência católica, também comum à região.

A nona narrativa “*O carro encantado*” foi publicada em agosto de 1944 pauta-se no hábito de contar histórias “No terreiro da casa grande se encontram vários trabalhadores fumando e conversando de cócoras. [...] Quando não toca e não dança, na história é que acha o melhor refúgio – uma especie de manancial certo e abundante, oferecendo assunto inesgotavel.” (VIDAL, 1944, p.68), entre elas, o carreiro Pedro Braz conta que avistou Zuza outro carreiro, morto havia pouco tempo, adentrando o açude. O mesmo foi considerado mal assombrado, sendo comumente avistado um carro de boi encantado, que desaparece em meio das águas. As histórias partilhadas ligam-se ao cotidiano, ao tempo de trabalho ou a forma, são destacados os animais e os objetos que fazem parte desses hábitos.

Assim, após apresentarmos alguns elementos dessas narrativas culturais, podemos traçar algumas características. As mesmas são pertencentes em sua maioria a Várzea paraibana, região de produção canavieira e dos engenhos. Ainda, essas histórias carregam marcas dessas vivências, associadas ao cotidiano, a safra, o trabalho braçal, o hábito de contar histórias que eram repassadas entre gerações. Por isso, percebemos nas lendas traços de supersticiosidade, as mesmas referem-se também a natureza e o cuidado com a mesma.

Em nossas palavras finais, queremos destacar que este trabalho faz parte de um estudo maior pautado nesses elementos discursivos que constroem a obra vidaliana no âmbito cultural e folclórico, além de sua trajetória no Movimento Folclórico. Assim, evidenciamos que essas narrativas fazem parte da própria abordagem do periódico, o “*Brasil Açucareiro*” tinha como proposta divulgar o cenário canavieiro, do engenho e das usinas que produziam álcool e açúcar. São esses espaços retratados nas lendas mencionadas, carregadas com explicações sobre a natureza e seus ciclos. Pela própria facilidade de transmissão, percebemos que os elementos de superstições foram adaptados as histórias, tornando possível pela oralidade repassar as mensagens, os avisos e as cautelas. Ainda, a circularidade, não ficava presa à um grupo, com a convivência essas crendices são disseminadas, ou seja, havia uma interação entre crenças, mesmo que não fossem absorvidas, cumpriam o papel de expansão.

Desta forma, percebemos a relevância de se produzir a historiografia utilizando como fonte os periódicos, ricos em redes intelectuais, sociabilidade, disputas, relações de força e poder. Sendo uma produção carregada por seu contexto de produção, evidenciando seus sujeitos, suas concepções e interesses. Lidamos ao longo desse breve estudo com uma revista criada a partir da manutenção estatal, disseminando o discurso de produção nacional, de uma política de interferência, assim, seu papel também foi disseminar uma ação estatal.

Por isso, um dos discursos escolhidos para fazer parte da revista, foi o folclórico, enaltecendo as narrativas comumente passadas e disseminadas por essas regiões de produção. Como percebemos na produção vidaliana, lendas e superstições em circularidade, como meios explicativos e formas de entender e sentir o mundo e as vivências.

Portanto, nos deparamos com um contexto de produção marcado por esses discursos culturais, os mesmos foram compreendidos como formas singulares capazes de alicerçar uma nacionalidade. Ao pensarmos o contexto paraibano abordado nessas narrativas e no próprio autor, evidenciamos sujeitos, espaços, objetos, a natureza, o canavial, o engenho, lendas, superstições e credices como elementos culturais compositores de características unas. Assim, entendemos a produção vidaliana nesses enredos que marcaram boa parte do século, o folclore enquanto um discurso, elaborado por intelectuais e sujeitos que embarcam nessas dimensões culturais para montar e disseminar outros discursos.

## **REFERÊNCIAS**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.

BARROS, Ewerton Wirlley Silva. **Nos enredos do folclore: Luís da Câmara Cascudo no movimento folclórico brasileiro (1939-1963)**. 2018. 102f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Licenciatura em História, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2018.

CASCUDO, Luís da Câmara. Lenda. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12. Ed. São Paulo: Global, 2012, p. 511.

\_\_\_\_\_. Superstições. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12. Ed. São Paulo: Global, 2012, p. 837.

CPDOC. **Instituto do Açúcar e do Alcool**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-do-acucar-e-do-alcool-iaa>>. Acesso em: 01 set. 2018.

HEMEROTECA DIGITAL. **Brasil Açucareiro**. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/brasil-acucareiro/002534>>. Acesso em: 01 set. 2018.

INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO PARAIBANO. **O que é o IHGP?** João Pessoa. Disponível em: <<http://www.ihgp.net/oqueeoihgp.htm>>. Acesso em: 21 maio. 2018.

LE GOFF, Jacques. Documento/ Monumento. In: **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990, p. 535-553.

MELLO, José Octávio de Arruda. **Ademar Vidal – Diversidade, Erudição e “Entusiasmo” nos seus inéditos**. João Pessoa, 2001.

POLÍTICA AÇUCAREIRA. **Brasil Açucareiro**. Rio de Janeiro, vol 22, n.6, dezembro 1943, pp. 3-10.

RAMOS, Adauto. **Ademar Vidal: súmula bio-bibliográfica**. João Pessoa, 1999.  
SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.

VIAN, Carlos Eduardo de Freitas et al. A evolução da oferta de máquinas e equipamentos para o setor sucroalcooleiro do Brasil. In: **Revista de História & Economia Regional Aplicada**, vol 3, n.5, jul-dez 2008.

VIDAL, Ademar. A caldeira que geme. In: **Brasil Açucareiro**, Rio de Janeiro, vol 23, n.1, janeiro 1944, pp.12-13. Biblioteca Nacional: Hemeroteca Digital Brasileira.

\_\_\_\_\_. A noite no engenho. In: **Brasil Açucareiro**, Rio de Janeiro, vol 23, n.6, junho 1944, pp. 36-37. Biblioteca Nacional: Hemeroteca Digital Brasileira.

\_\_\_\_\_. A serpente do canavial. In: **Brasil Açucareiro**, Rio de Janeiro, vol 23, n.3, março 1944, pp. 26. Biblioteca Nacional: Hemeroteca Digital Brasileira.

\_\_\_\_\_. Como será a alma? In: **Brasil Açucareiro**, Rio de Janeiro, vol 23, n.1, julho 1944, pp.28. Biblioteca Nacional: Hemeroteca Digital Brasileira.

\_\_\_\_\_. No que deu a mentira In: **Brasil Açucareiro**, Rio de Janeiro, vol 23, n.5, maio 1944, pp. 28. Biblioteca Nacional: Hemeroteca Digital Brasileira.

\_\_\_\_\_. O carro encantado In: **Brasil Açucareiro**, Rio de Janeiro, vol 24, n.2, agosto 1944, pp. 68-69. Biblioteca Nacional: Hemeroteca Digital Brasileira.

\_\_\_\_\_. O rato vermelho In: **Brasil Açucareiro**, Rio de Janeiro, vol 22, n.6, dezembro 1943, pp. 39-40. Biblioteca Nacional: Hemeroteca Digital Brasileira.

\_\_\_\_\_. Os passeios do vulto branco In: **Brasil Açucareiro**, Rio de Janeiro, vol 23, n. 2, fevereiro 1944, pp.15-16. Biblioteca Nacional: Hemeroteca Digital Brasileira.

\_\_\_\_\_. Para onde vai a fumaça In: **Brasil Açucareiro**, Rio de Janeiro, vol 23, n. 4, abril 1944, pp. 30. Biblioteca Nacional: Hemeroteca Digital Brasileira.

VIDAL, Alice. **Ademar Vidal: para não esquecer**. Personal, 2010.

**Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFCG**

ROSA, Maria Nilza Barbosa. **Usos, costumes e encantamentos:** a cultura popular na obra de Ademar Vidal. Tese (Doutorado em Letras)- área de concentração em Literatura Brasileira, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.